

TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES DE ALFREDINA DE PAIVA E SOUZA (1905-1999) NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

■ RAFAELA SILVA RABELO

<https://orcid.org/0000-0002-7883-7914>

Universidade de São Paulo

■ DENIS HERBERT DE ALMEIDA

<https://orcid.org/0000-0002-5681-659X>

Universidade Federal de São Paulo - Faculdades Metropolitanas Unidas

RESUMO

Alfredina de Paiva e Souza (1905-1999) foi uma educadora brasileira cujo nome aparece com frequência na historiografia da educação associado à sua atuação na educação matemática no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ) e pelo seu pioneirismo na teleducação, apesar de haver poucas informações sobre sua biografia. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo traçar a trajetória dessa professora, identificando suas contribuições, seus deslocamentos geográficos/institucionais/temáticos e suas redes de relação. Para tanto, operamos a partir dos vestígios, seguindo o fio de seu nome, com base em Ginzburg e Poni, além da noção de redes, apresentada por Fuchs. Enquanto fonte, mobilizamos principalmente os periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira como forma de identificar os deslocamentos de Alfredina de Paiva e suas conexões. Também fizemos uso de revistas pedagógicas, registros cartorários e manuais pedagógicos disponíveis em diferentes acervos. Entre os resultados, pudemos rastrear as vinculações institucionais e diferentes áreas a que se dedicou ao longo de sua trajetória, algumas pouco conhecidas ou discutidas, como a sua atuação na Associação Brasileira de Educação, no Colégio Paiva e Souza e suas vinculações a grupos católicos.

Palavras-chave: História da Educação. Educação matemática. Teleducação. Trajetórias de professoras.

ABSTRACT **TRAJECTORY AND CONTRIBUTIONS OF ALFREDINA DE PAIVA E SOUZA (1905-1999) IN BRAZILIAN EDUCATION**

Alfredina de Paiva e Souza (1905-1999) was a Brazilian educator whose name frequently appears in the historiography of education associated with her work in mathematics education at the Institute of Education in Rio de Janeiro and her pioneering role in teleducation. However, there is little information about her biography. In this sense, the present article aims to trace this teacher's trajectory, identify her contributions, geographical/institutional/thematic shifts, and relationship networks. We operate from the traces, following the thread of her name, based on Ginzburg and Poni, and with the notion of networks, presented by Fuchs. As a source, we mainly mobilize the journals available at the Brazilian Digital Hemeroteca to identify Alfredina de Paiva's displacements and her connections. We also made use of educational magazines, notary records, and educational manuals available in different collections. Among the results, we were able to trace the institutional links and different areas to which she dedicated herself during her trajectory, some little known or discussed, such as her work at the Brazilian Education Association, at the Paiva e Souza School, and her ties to Catholic groups.

Keywords: History of Education. Mathematics education. Teleducation. Teachers trajectories.

RESUMEN **TRAYECTORIA Y CONTRIBUCIONES DE ALFREDINA DE PAIVA E SOUZA (1905-1999) EN LA EDUCACIÓN BRASILEÑA**

Alfredina de Paiva e Souza (1905-1999) fue una educadora brasileña cuyo nombre aparece frecuentemente en la historiografía de la educación asociada a su trabajo en educación matemática en el Instituto de Educación de Río de Janeiro y su papel pionero en la teleducación. Sin embargo, hay poca información sobre su biografía. En este sentido, el presente artículo tiene como objetivo rastrear la trayectoria de esta docente, identificar sus aportes, cambios geográficos / institucionales/temáticos y redes de relación. Operamos desde las huellas, siguiendo el hilo de su nombre, basado en Ginzburg y Poni, y con la noción de redes, presentada por Fuchs. Como fuente, movilizamos principalmente las revistas disponibles en la Hemeroteca Digital Brasileña para identificar los desplazamientos de Alfredina de Paiva y sus conexiones. También hicimos uso de revistas educativas, registros notariales y manuales educativos disponibles en diferentes colecciones. Entre los resultados, pudimos rastrear los vínculos

institucionales y las diferentes áreas a las que se dedicó durante su trayectoria, algunas poco conocidas o discutidas, como su trabajo en la Asociación Brasileña de Educación, en la Escuela Paiva e Souza, y sus vínculos a grupos católicos.

Palabras clave: Historia de la educación. Educación matemática. Teleducación. Trayectorias de los profesores.

Introdução

Na historiografia da educação, há personagens bastante conhecidos e repetidamente evocados, que praticamente se tornaram figuras canônicas. No caso do Brasil, nomes como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho são figuras de destaque no que diz respeito à primeira metade do século XX. Todavia, uma outra categoria de personagem vem ganhando espaço nos últimos tempos, principalmente com as mudanças de paradigma nas pesquisas históricas, dando visibilidade a sujeitos praticamente desconhecidos da historiografia.

Entre os nomes amplamente conhecidos e celebrados e os desconhecidos, todavia, há o que podemos classificar como uma terceira categoria, uma posição intermediária. Ou seja, pessoas que são citadas com frequência, que têm sua relevância (re)afirmada, mas que, quando questões sobre suas trajetórias são postas, as perguntas tendem a cair no vácuo. São personalidades que gozam de uma posição dúbia na historiografia, ou seja, (des)conhecidos: conhecidos na superfície, mas ignorados em sua essência.

No presente artigo, nos debruçamos sobre um desses personagens, a professora fluminense Alfredina de Paiva e Souza (1905-1999), explorando sua trajetória formativa e profissional enquanto figura amplamente citada na historiografia da educação brasileira, mas cuja biografia tem sido sistematicamente ignorada. No presente artigo, temos como objetivo traçar o perfil dessa educadora, esmiuçando sua atuação profissional e suas redes intelectuais

e sociais, de forma a oferecer um panorama de sua trajetória.

Enquanto fontes, fizemos amplo uso dos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira¹, de revistas pedagógicas, e das publicações de Alfredina de Paiva. De forma mais fragmentada, levantamos informações por meio de repositórios como o Internet Archive e o FamilySearch. Também contamos com bibliografia que tem Alfredina como objeto de estudo ou que traz algum fragmento de informação biográfica. Ao trabalharmos a partir de vestígios, seguindo o nome de Alfredina em diferentes fontes e buscando reconstituir suas redes, recorreremos principalmente a Ginzburg (1980, 2016), Ginzburg e Poni (1989) e Fuchs (2007).

O artigo está organizado em quatro partes. Em um primeiro momento, discorreremos sobre as aproximações teórico-metodológicas, as escolhas e procedimentos, bem como os desafios enfrentados. Na sequência, trazemos informações da origem e vinculações familiares, bem como sua formação inicial e primeiros anos de docência, focando principalmente em sua atuação na educação matemática. Em seguida, exploramos sua inserção e papel pioneiro na teleducação brasileira e sua circulação internacional. Por último, perscrutamos a sua ligação com diferentes grupos e esboçamos as suas redes de sociabilidade. Concluí-

1 Exceto pelo jornal *O Globo*, todos os jornais citados no presente artigo foram consultados a partir da Hemeroteca Digital Brasileira, disponível em: <http://bn-digital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

mos com algumas reflexões sobre a trajetória de Alfredina e as frentes de pesquisa que este estudo panorâmico abre.

Desafios teórico-metodológicos

Discorrer sobre Alfredina de Paiva e Souza é necessariamente partir de vestígios. Apesar de seu nome ser citado com frequência em trabalhos que tratam do Instituto de Educação do Distrito Federal ou sobre a teleducação no Brasil, sendo reiterado o seu pioneirismo no último, geralmente não ultrapassa rápidas menções. Afinal, quem foi Alfredina de Paiva e Souza? Essa é uma pergunta difícil de responder, seja pela escassez de dados sobre sua trajetória e atuação profissional presentes na historiografia da educação brasileira, seja pela dificuldade de acesso a documentos pessoais. Ironicamente, uma professora citada com tanta frequência e à qual se atribui tanta relevância permanece, praticamente, uma desconhecida.

Todavia, essa falta de informações não é uma particularidade de Alfredina, mas caracteriza uma realidade mais ampla de silenciamento e apagamento da relevância de diversas figuras femininas ao longo da história da educação, questão que tem sido endereçada de forma mais sistemática nos últimos anos e que vem na esteira da emergência de novos paradigmas historiográficos que buscam explorar a “história vista de baixo”. Estudos focando a história das mulheres ou discussões de gênero na história da educação têm dado cada vez mais visibilidade a figuras individuais ou grupos de mulheres que tiveram grande relevância no campo educacional e mesmo desmistificado que as mulheres não circularam por determinados espaços ou exerceram determinadas funções. Esses estudos, com frequência, identificam o apagamento dessas mulheres em detrimento de seus pares homens, e a dificuldade de acessar fontes relacionadas à

esfera privada de suas vidas. No livro organizado por Vidal e Vicentini (2019), por exemplo, vemos, um capítulo após o outro, essas características se revelarem em pesquisas sobre as trajetórias de professoras que atuaram em São Paulo entre os séculos XIX e XX.

No caso de Alfredina, apesar de muito citada em diversas pesquisas, é apenas no trabalho de Almeida (2013) que nos deparamos pela primeira vez com um retrato parcial de sua trajetória. Em sua pesquisa, o referido autor explora a atuação da professora no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ) e se baseia, principalmente, em documentação levantada no acervo da mesma instituição, o Centro de Memória Institucional (CEMI) do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). Seu trabalho se tornou uma referência em relação à atuação de Alfredina na educação matemática e, desde então, a professora passou a ser citada com frequência em trabalhos relacionados ao ensino de matemática durante o movimento escolanovista, todavia, sem avanços em termos biográficos.

Em 2016, os autores do presente artigo fizeram uma primeira aproximação na constituição do perfil de Alfredina, partindo de revisão bibliográfica de trabalhos que a citam, da produção bibliográfica da própria professora, e de um primeiro mapeamento de seus deslocamentos por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Nessa primeira investida sistematizada, foi possível identificar sua vinculação a diferentes instituições e sujeitos. Emergiram conexões com Everardo Backheuser, Alda Lodi, Helder Câmara, além de sua ligação com a igreja católica. Também veio à tona a sua atuação no Colégio Paiva e Souza, um empreendimento familiar (ALMEIDA; RABELO, 2016).

Também em 2016, em sua tese de doutorado, Conceição (2016) discute a televisão educativa tendo Alfredina como um de seus sujeitos privilegiados na análise. Se em 2013,

Almeida traz novos dados sobre a trajetória de Alfredina e avança principalmente sobre sua atuação na educação matemática no Instituto de Educação, em 2016, Conceição nos fornece uma melhor compreensão sobre sua atuação na teleducação. Todavia, vislumbramos em tais trabalhos as dificuldades de acessar maiores informações sobre essa professora, que são sempre parciais e fragmentadas. As informações disponíveis no acervo do CEMI do ISERJ e da TVE são escassas, como atestado nesses trabalhos, e apesar “[...] de ter sido uma mulher influente, existe pouca memória sobre ela, que era identificada nos jornais da época como especialista em TV educativa” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 100).

Em sua tese de doutorado, Conceição (2016) tem como objeto de estudo as experiências pioneiras em televisão educativa no estado da Guanabara entre os anos 1960 e 1975. Para tanto, desenvolve a discussão tomando como fio condutor três personagens, Fernando Tude de Souza, Gilson Amado e Alfredina de Paiva e Souza. A autora esclarece que seu objetivo de pesquisa não era “[...] traçar a história de vida desse grupo de pessoas, mas identificar o pensamento pedagógico que influenciou as atividades do grupo com a radiodifusão educativa” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 17). De fato, a autora se atém à parte da trajetória e atuação desses sujeitos circunscritas à atuação na teleducação, apesar de trazer algumas informações biográficas gerais. Ao focar nessas três figuras como fios condutores, fica evidente a dificuldade que a autora teve de acessar fontes sobre Alfredina, enquanto acervos pessoais e relatos de família constam da análise da atuação dos outros personagens tratados em sua tese.

Portanto, é a partir dos vestígios que traçamos o perfil de Alfredina no presente artigo. Perseguindo os rastros deixados e inquirindo os detalhes que muitas vezes são ignorados, reconstituímos a trajetória de Alfredina e bus-

camos melhor compreender a sua atuação profissional. Dessa forma, nos guiamos pelos indícios, a exemplo de Ginzburg, percorrendo os fios desse complexo emaranhado. Em grande medida, adotamos o que Ginzburg e Poni (1989) denominam método onomástico. Ou seja, tomamos o nome como o fio que conduz a busca dos vestígios e auxiliam a construir a narrativa. Portanto, ao circunscrever a busca ao nome de Alfredina, rastreamos a sua presença em contextos sociais diversos e identificamos sua vinculação a diferentes grupos, mesmo que de forma fragmentada.

Pela Hemeroteca Digital, percorremos ao longo das décadas os seus deslocamentos geográficos, institucionais e temáticos. Assim, nos aproximamos de uma projeção cronológica de sua atuação profissional, bem como evidências de suas redes de trabalho, sociais e familiares.

Para além da Hemeroteca, são em lugares – por vezes improváveis – como os agradecimentos de um livro didático, as notas de rodapé de um manual pedagógico, as resenhas sobre suas publicações, e mesmo em registros cartorários de falecimento, que buscamos pistas de sua biografia.

Formação e inserção na docência: a atuação na educação matemática

No Rio de Janeiro, na cidade de Bom Jesus de Itabapoana, noroeste fluminense, a mais de 250 quilômetros da capital², nasceu em 30 de agosto de 1905, Alfredina de Paiva e Souza. Filha de Maria de Paiva e Souza e Alfredo Gomes de Souza³, teve ainda como irmãos Antenor de Paiva e Souza e Licínio de Paiva e Souza. Ao

2 Conforme site da prefeitura do município. Disponível em: https://www.bomjesus.rj.gov.br/site/dados_gerais-pagina-5-2-5. Acesso em: 1º ago. 2020.

3 Informações obtidas a partir da ficha funcional disponível no CEMI do ISERJ.

que tudo indica, não se casou ou teve filhos. Apesar de várias viagens que realizou pelo Brasil e exterior, morou no Rio de Janeiro até o seu falecimento, em 1999.

Figura 1: Retrato de Alfredina de Paiva e Souza, 1939



Fonte: CEMI-ISERJ⁴.

Na ficha “Vida Escolar” da Faculdade Nacional de Filosofia do Distrito Federal, datada de 1939, consta que Alfredina realizou sua educação no ensino secundário no Colégio Ottati⁵,

4 Foto adquirida por Denis Herbert de Almeida, em 2013, via Mercado Livre e doada, em 26 de julho de 2016, ao CEMI-ISERJ. Segundo a descrição de venda, a imagem fazia parte de um álbum de fotografias publicado e distribuído pelas professorandas de 1939 do IERJ.

5 Buscando informações sobre esse colégio na Hemeroteca, verificamos uma discrepância de datas. O Colégio Ottati, segundo jornal da época, teve seu funcionamento iniciado em março de 1928 (*O Malho*, RJ, 25 fev. 1928, p. 48). Já em nota publicada pelo *A Noite*, consta que o Colégio Ottati veio para receber os alunos do Colégio Aldridge, que fechara em 31 de dezembro de 1927, procurando manter todas as suas metodologias e características de forma “idêntica”. Fundado pelo Dr. Camillo Ottati Junior, ex-professor da recém-fechada escola, perdeu por vários anos

sendo aprovada nos exames finais no fim de 1919 (*Jornal do Comércio*, RJ, 05 dez. 1919, p. 10; *Jornal do Comércio*, RJ, 08 dez. 1919, p. 6). A partir daquele momento, Alfredina estava apta a pleitear sua vaga na Escola Normal do Distrito Federal, o que se efetivou após realizadas as provas de admissão em 1920 (*O Jornal*, RJ, 17 abr. 1920, p. 3)⁶.

Em posse de seu diploma em abril de 1924, aos 18 anos de idade, Alfredina ingressou como professora substituta de adjunta de terceira classe na décima escola mista do segundo distrito do município do Rio de Janeiro, iniciando assim sua jornada no magistério carioca (*O Imparcial*, RJ, 06 abr. 1924, p. 6). Foi alçada a professora adjunta de terceira classe conforme o Decreto nº 2.883, de 29 de novembro de 1923, e no dia seguinte, dispensada do cargo anterior de substituta (*O Paiz*, RJ, 24 abr. 1924, p. 5; *O Jornal*, RJ, 25 abr. 1924, p. 7). No dia 30, ocorreu sua designação para a quinta Escola Mista do décimo sétimo distrito (*Jornal do Brasil*, RJ, 30 abr. 1924, p. 11). Ao longo de um mês, é possível verificar toda a movimentação pela burocracia feita por Alfredina até sua estabilização. Em outubro de 1930, foi transferida para a nona escola mista do nono distrito e, em dezembro do mesmo ano, consta na imprensa vinculada ao Grupo Escolar Gonçalves Dias (*Jornal do Brasil*, RJ, 8 out. 1930, p. 14; *Jornal de Notícias*, RJ, 4 dez. 1930, p. 3).

O IERJ, como já amplamente discutido na historiografia da educação, elevou o curso normal de formação de professores primários para o nível superior na década de 1930, ten-

(*A Noite*, RJ, 08 fev. 1928, p. 7). Acreditamos que Alfredina estudou no Colégio Aldridge em seu ensino secundário, ficando em sua ficha o Colégio Ottati por ter sido o último nome da instituição.

6 Com relação à sua formação no ensino normal, encontramos apenas as suas notas alcançadas em alguns dos exames que realizou na instituição e que foram publicadas nos jornais da época (*Jornal do Brasil* – RJ, 05 dez. 1922, p. 10 e 19 dez. 1922, p. 11; *Jornal do Commercio* – RJ, 15 mar. 1923, p. 07 e 11 dez. 1923, p. 10).

do também uma função de experimentação e estudos científicos (VIDAL, 2001)⁷. Em 1933, foi publicado o edital com a “[...] relação dos candidatos inscritos para as provas de habilitação para o preenchimento da vaga de assistente da Seção de Matérias de Ensino especializado em Cálculo”. Figuraram nesse edital cinco nomes: Mathilde Cirno Bruno; Alfredina de Paiva e Souza; Luiza Alzira Alves da Fonseca; Leopoldina Rodrigues da Cruz Machado; e Paschoal Lemme (*Jornal do Brasil*, RJ, 1 out. 1933, p. 30). Vale observar que Silveira (1954, p. 124) indica a entrada de Alfredina no IERJ em 27 de junho de 1932, diferente do que consta no jornal supracitado, no qual a publicação de edital de inscrição para provas data de fins de 1933. Uma hipótese é que Alfredina tivesse atuado como substituta no Instituto de Educação antes de sua aprovação no concurso.

Em 31 de outubro de 1933, Alfredina de Paiva e Paschoal Lemme são designados para fazerem estágio como assistentes da Seção de Matérias do Instituto de Educação (*Jornal do Brasil*, RJ, 31 out. 1933, p. 21). Paschoal Lemme, em suas memórias, assim descreve esse período:

Prestei as provas escritas e de aula, sendo minha concorrente a professora Alfredina de Paiva e Sousa, que já conhecia desde a escolinha de Bangu, para onde eu fora ‘desterrado’. E que se tornou depois boa amiga. A banca examinadora considerou, porém, insuficientes para um julgamento final dos dois candidatos os resultados que apresentamos nas provas realizadas e nos propôs fazer um período de estágio, no departamento de didática, até mesmo para unificar os métodos que deveríamos adotar quando assumíssemos o ensino da cadeira. [...] Frequentei durante algum tempo o estágio proposto, mas, em determinado momento, achei um pouco exagerado o que estava sendo exigido de mim, pois, além dos titulares das cadeiras, já refe-

ridas, numerosos professores tinham sido nomeados sem a prestação de quaisquer provas. [...] E abandonei o estágio e a pretensão de me tornar professor de metodologia da matemática... (LEMME, 2004, p. 129).

Com base nos termos do Decreto nº 4448, de 16 de outubro de 1933, foi publicado em 1934 as designações resultantes das provas prestadas e estágio. Alfredina de Paiva e Mathilde Cirne Bruno foram indicadas para a “Seção de Prática de Ensino Elementar da Escola de Professores do Instituto de Educação” (*Jornal do Brasil*, RJ, 2 mar. 1934, p. 24). No dia seguinte, foi apresentada uma correção:

(*) Atos do Sr. Diretor Geral - (*) Reproduzido por ter saído com incorreções. A professora primária *Alfredina de Paiva e Souza para a Seção de Matérias de Ensino da Escola de Professores do Instituto de Educação*, tendo em vista as provas de concurso apresentadas para a mesma disciplina. Designando a professora *primária Mathilde Cirne Bruno para a Seção de Prática de Ensino da Escola de Professores do Instituto de Educação*, tendo em vista as provas de concurso apresentadas para a mesma disciplina. (*Jornal do Brasil*, RJ, 3 mar. 1934, p. 24, grifos nossos).

A inserção de Alfredina no Instituto de Educação tem como uma de suas principais marcas a sua atuação nas discussões sobre o ensino de Matemática, materializada na forma de inquéritos e publicações de artigos e manuais, que retomaremos adiante.

Assim como em seu período inicial no magistério carioca, Alfredina continuou nesse período no IERJ trabalhando em outras frentes, cabendo destacar aquelas vinculadas à Associação Brasileira de Educação (ABE). Entre os cursos que ofertou por meio dessa associação, vale destacar “O ensino da matemática na escola primária” (*Jornal do Brasil*, RJ, 19 set. 1934, p. 14). Foi um curso amplamente divulgado nos jornais cariocas como *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* e *A Nação*, tota-

⁷ Com o Decreto-Lei nº 1.063, de 20 de janeiro de 1939, ocorreu a extinção da Universidade do Distrito Federal, e o instituto voltou a formar professores em nível secundário, perdendo assim seu caráter de ensino superior (VIDAL, 2001)

lizando 15 ocorrências localizadas no banco de dados da Hemeroteca entre 1º de setembro de 1934 e 18 de outubro de 1934. O programa do curso foi assim estruturado:

I – Breve resumo da História da Matemática. Origem do sistema de numeração, algarismos e notações que hoje usamos. II – A Evolução do ensino do cálculo na escola elementar: técnica de aplicação social e disciplina formal; o cálculo na escola tradicional. Valor social do Cálculo. III – Fundamentos psicológicos do ensino do cálculo. IV – O cálculo na escola nova. Objetivos do ensino do cálculo na escola primária. Organização de programas. Interpretação e aplicação do programa do cálculo. V – Métodos de ensino. Relação do cálculo com outras disciplinas do currículo. Projetos gerais e parciais permitindo a redescoberta de propriedades matemáticas. VII – Discussão. VIII – Problemas e exercícios sistematizados. Jogos e material didático. IX – Discussão. X – Os testes em matemática. XI – Discussão. (*Jornal do Brasil*, RJ, 19 set. 1934, p. 14).

Digno de nota é o fato desses conteúdos terem sido publicados, exatamente como estão, no programa de ensino do IERJ em 1937 (SOUZA, 1937), mas de forma mais detalhada em subtens. As experimentações e aprendizagem de Alfredina relacionadas à metodologia do ensino da Matemática transitavam entre os lugares em que atuava e se correlacionavam. Fato mais uma vez confirmado com a sua contratação para a disciplina de “Prática do Ensino Elementar” nos recém-inaugurados cursos da Universidade do Distrito Federal, em 31 de julho de 1935 (*Gazeta de Notícias*, RJ, 31 jul. 1935, p. 5).

Em agosto de 1938, Alfredina foi nomeada professora primária interina pelo secretário de Educação e Cultura, para preencher a falta de professores primários no Distrito Federal (*Correio da Manhã*, RJ, 28 ago. 1938, p. 9). Em novembro do mesmo ano, Alfredina foi aprovada nas provas de sanidade e capacidade física para o concurso de provimento de cargos vagos das classes I, J, K e L da carreira de téc-

nico de educação do Ministério da Educação e Saúde e convocada para o concurso de provas e títulos. No mesmo concurso, também foi aprovado Helder Câmara (*A Batalha*, RJ, 27 nov. 1938, p. 3). Dentre outros, Alfredina e Paschoal Lemme foram nomeados técnicos de educação da classe L (*A Batalha*, RJ, 10 jan. 1939, p. 2).

Dias antes de tornar-se técnica de educação, participou da organização da Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras do Instituto Santa Úrsula quanto a cursos, programas e diplomas e divulgou curso de férias de Psicologia e de testes e medidas junto com o padre Helder Camara, confirmando mais uma vez sua dedicação a várias frentes de trabalho (*Jornal do Commercio*, RJ, 6 jan. 1939, p. 2; *O Fluminense*, RJ, 25 fev. 1939, p. 1).

Também em 1939, Alfredina foi aprovada nos exames vestibulares para o curso de Pedagogia da Faculdade Nacional de Filosofia (*Diário de Notícias*, RJ, 17 mai. 1939, p. 6). O *Jornal do Commercio* publicou, entre 7 de julho de 1940 e 20 de dezembro de 1941, algumas das chamadas de realização de provas pelas quais Alfredina passou. Algumas disciplinas estudadas por ela na faculdade foram: Psicologia Educacional, Fundamentos Sociológicos da Educação, História da Educação e Administração Escolar. Seu diploma de bacharel em Pedagogia teve registro autorizado em 1942 (*Correio da Manhã*, RJ, 6 dez. 1942, p. 5).

Em 1941, o prefeito do Distrito Federal exonerou “a professora primária” Alfredina pelo Decreto E-22, por ter sido nomeada para cargo federal (*Correio da Manhã*, RJ, 14 fev. 1941, p. 8). Que cargo seria esse? Já que com o Instituto de Educação em moldes agora outros, Alfredina se inscreveu, fez provas e foi aprovada novamente para o Instituto na Cadeira de Ciências Naturais: Cálculo, classificada com 181 pontos, e Prática de Ensino com 202 pontos (*Gazeta de Notícias*, RJ, 5 jan. 1943, p. 4). Sua designação ocorreu em março de 1943 (*Correio da Manhã*,

RJ, 2 mar. 1943, p. 6) e sua exoneração do cargo de técnico de educação classe L no mesmo mês (*Jornal do Brasil*, RJ, 25 mar. 1943, p. 5).

Reintegrada oficialmente no Instituto de Educação em 1943, Alfredina foi indicada a organizar o programa de ensino do recém-reestruturado instituto em conjunto com outros da cadeira de Ciências Naturais: Metodologia do Cálculo, Metodologia das Ciências e Metodologia da Geografia e História (*Diário Carioca*, RJ, 10 abr. 1943, p. 8). Em maio do mesmo ano, sob o título “Para abolir a repetência”, o prefeito Henrique Dodsworth determinou à Secretaria Geral de Educação e Cultura a instituição de cursos de especialização e aperfeiçoamento pedagógicos destinados a disseminar as recentes aquisições da pedagogia moderna e esclarecer sobre as novas diretrizes. Alfredina ministrou “Métodos e processos de aprendizagem do cálculo na 1ª Serie” e “Diretrizes e técnicas para a verificação e controle da aprendizagem” (*A Noite*, RJ, 26 mai. 1943, p. 12).

Até o início dos anos 1960, Alfredina publicou e se envolveu em diversas atividades voltadas ao ensino de Matemática em diferentes espaços. Entre as publicações, cabe destacar os manuais *A Matemática na Escola Primária: Divisão* (SOUZA, 1938) e *O ensino do cálculo na escola primária: problemas metodológicos* (SOUZA, 194-). Em 1937, publicou o livro didático *Nossa Aritmética*, para o 3º ano do primário, pela Livraria do Globo de Porto Alegre (SOUZA, 1937). Dentre os artigos publicados, localizamos dois na revista *Archivos do Instituto de Educação* do Rio de Janeiro (1936 e 1937), um na *Revista de Educação Pública* do Rio de Janeiro (1943) e seis na *Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (entre 1956 e 1963)⁸. Parte de sua produção biblio-

gráfica sobre educação matemática já foi analisada por autores como Almeida (2013), Marques (2013), Rabelo (2016) e Santos (2016).

Para além do espaço do Instituto de Educação, foi possível rastrear várias palestras e minicursos ofertados por Alfredina desde os anos 1930, que evidenciam sua intensa atuação nos temas voltados ao ensino de Matemática. Os anos 1950 foram particularmente intensos. Em 1951, ministrou o curso “Problemas práticos da metodologia da matemática na 4ª série primária”, ofertado como parte dos cursos de aperfeiçoamento no Instituto de Educação (*Correio da Manhã*, RJ, 19 jul. 1951, p. 5), e em 1954, “O problema dos problemas em matemática (formulação e solução)”, compondo um conjunto de cursos de aperfeiçoamento sobre o ensino de Matemática, dos quais também participaram Julio Cesar de Mello e Souza, Cesar Dacorso Neto e Thales de Carvalho (*Jornal do Brasil*, RJ, 30 jun. 1954, p. 11). Em 1957, foi responsável pela apresentação do “Vocabulário matemático”, parte do conjunto de palestras ministradas na “Campanha de Matemática” promovida pela Secretaria Geral de Educação e Cultura e da qual também participou Irene de Albuquerque (*O Jornal*, RJ, 7 ago. 1957, p. 7). Findando-se a década de 1950, ocorreu o “Terceiro Curso de Didática”, para professores do ensino particular e público, que foi uma iniciativa do 25º Distrito Educacional. O encerramento foi feito pelo bispo D. Helder Câmara e teve uma aula ministrada por Alfredina sob o título: “O problema de aritmética no curso primário” (*Correio da Manhã*, RJ, 1 jun. 1958, p. 8).

Acreditamos que o conjunto de cursos ministrados nos anos 1950 seja um desdobramento de sua viagem aos EUA, em 1952, para estudar a metodologia da matemática. Localizamos poucas informações sobre a referida viagem além daquelas que constam em sua ficha funcional, informando que ela foi autorizada a se ausentar entre 24 de abril e 31 de agosto de

8 “O ensino de matemática na escola primária” (SOUZA, 1936); “Cálculo” (SOUZA, 1937); “Metodologia do cálculo” (SOUZA, 1943); “Aprendizagem das operações fundamentais” (SOUZA, 1956a); “Metodologia da matemática no curso primário” (SOUZA, 1956b); “I - Aprendizagem das operações fundamentais” (SOUZA, 1956c); “II - Aprendizagem das operações fundamentais” (SOUZA, 1956d); “O problema dos problemas”

(SOUZA, 1958); “Aprendizagem da numeração” (SOUZA, 1963).

1952, sem ônus para a prefeitura, e que a liberação foi publicada no Diário Oficial de 3 de abril, sob o Requerimento nº 2.6637/52⁹. Segundo registro alfandegário localizado na página do FamilySearch¹⁰, também foi possível identificar que o voo saiu do Rio de Janeiro em 24 de abril com destino a Nova Iorque, e que Alfredina estava acompanhada de sua mãe. Podemos apenas presumir que o conjunto de cursos que ministrou após o seu retorno se baseia no que estudou durante sua estada nos EUA.

Em meados de 1960, em continuação do IV Ciclo de Conferências Didáticas, realizado no auditório do MEC, Alfredina abordou o tema: “Aprendizagem das técnicas fundamentais da Matemática no Curso Primário” (*Jornal do Commercio*, RJ, 18 jun. 1960, p. 4). Esta foi a última ocorrência voltada ao ensino de matemática que localizamos, o que sinaliza a mudança da atuação de Alfredina para a teleducação, focando temas como a educação de adultos e a formação de quadros técnicos.

Em busca de novos horizontes: o pioneirismo na teleducação

A partir dos anos 1950, Alfredina aproximou-se de veículos de comunicação em uma jornada que a alçaria à posição de “pioneira na coordenação de programas educativos e de alfabetização pela televisão” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 96). Entre as primeiras iniciativas nas quais se envolveu, localizamos a transmissão pelo rádio de aulas para os alunos pelo Colégio Paiva e Souza (*Correio da Manhã*, RJ, 31 mai. 1950, p. 5).

A atuação de Alfredina na teleducação data de início dos anos 1960, por meio de projetos de educação televisiva, como os cursos de al-

fabetização da Fundação João Batista do Amaral, criada em 1961 e, posteriormente, com a Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (FCBTE), criada em 1967.

A Fundação João Baptista do Amaral (TV -Rio)

[...] foi responsável pela produção de um curso destinado à alfabetização de adultos que ficou no ar até o ano de 1965 sob a direção da professora Alfredina de Paiva e Souza. O nome do programa era *O Futuro Começa Hoje*, com narração de Luís Jatobá. Essa foi a primeira experiência em prol de uma TV voltada para a cultura e educação, com apoio de Dom Helder Câmara. Foram 216 programas, para 72 semanas, com três programas por semana. O curso atingiu mais de 5 mil alunos em 105 núcleos de recepção de tele-alunos. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 46).

O foco na alfabetização foi um desdobramento da atuação de Alfredina na teleducação, por meio de programas de ensino supletivo, e inaugurando uma nova fase em sua trajetória profissional. Mas se a temática era nova, as parcerias remetiam a várias conexões estabelecidas em anos anteriores, como Helder Câmara, Manoel Jairo Bezerra e Judith Brito de Paiva e Souza. Retomaremos essas redes no próximo tópico.

Conforme análise de Conceição (2016), Alfredina foi, no início dos anos 1960,

[...] uma das responsáveis pela formatação artística e ideológica da TV educativa do período, bem como dos rumos que a formação escolar deveria seguir para lidar com o novo veículo de comunicação de massa: a televisão. Ela participou como idealizadora e diretora do curso de alfabetização pela TV, promovido pela Fundação João Baptista do Amaral, TV Rio e mais tarde atuou na formação de profissionais para trabalhar com televisão educativa. Apesar de direcionar a formação ao professor, os cursos coordenados ou ministrados por ela, não eram restritos aos docentes. Existia o propósito de formar profissionais especializados em linguagem audiovisual educativa para televisão, ou seja, capazes de unir as técnicas e formatos da

9 No referido número do Diário Oficial, constam as mesmas informações veiculadas na ficha funcional.

10 Informações da viagem de Alfredina aos EUA. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:241H-G9W?from=lynx1UIV7>. Acesso em: 25 nov. 2019.

televisão comercial às finalidades educacionais diversas. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 99).

Além da Fundação João Baptista do Amaral, Alfredina também foi diretora da TV Educativa do Instituto de Educação, cargo que ocupou após se aposentar na mesma instituição como professora catedrática. Ainda fez parte do movimento que culminou na criação da FCBTVE (CONCEIÇÃO, 2016, p. 100).

A formação de quadros técnicos para atuarem na teleducação foi outra preocupação de Alfredina, sobre a qual ela foi bastante atuante. Em nota publicada em 1966, por exemplo, é anunciada a instalação do primeiro Curso de Formação de Especialistas em Televisão Educativa pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), cujas coordenadoras foram Alfredina e Letícia Santos de Faria, e supervisão-geral do general Taunay Coelho Reis, presidente do Conselho Nacional de Telecomunicações (Con-tel). Segundo descrito na nota:

O curso é organizado pelo Departamento Nacional de Educação, do MEC, e destina-se à formação de especialistas em televisão educativa, que terá como função principal o lançamento de um plano de alfabetização de adultos, em

âmbito nacional, conforme decisão da Comissão de Estudos e Planificação de um Sistema de Radiodifusão Educativa, presidida pelo prof. Leônidas Sobrino Pôrto, diretor do DNE. (*Correio da Manhã*, RJ, 16 jan. 1966, p. 13).

A sua inserção na teleducação também lhe rendeu algumas viagens internacionais, dentre as quais ao Japão em 1966, França em 1967, e Peru em 1980, além de reconhecimento por sua atuação. Em 1966, por exemplo, o *Correio da Manhã* afirma, em uma reportagem sobre as atividades da TV Escola e produções de Alfredina, que as aulas por ela preparadas foram solicitadas pelos reis da Bélgica, durante visita ao Brasil, para serem empregadas naquele país (*Correio da Manhã*, 20 jan. 1966, p. 10).

No Japão, foi membro do júri do II Concurso Internacional de Programas Educativos, na cidade de Osaca, em novembro de 1966, para escolher o vencedor do Prêmio Japão e o da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), a convite da Japan Broadcasting Corporation (*A Luta Democrática*, 1966, p. 12; *Diário de Notícias* – RJ, 25 jul. 1966, p. 1 e 6, *Diário de Notícias* – RJ, 6 jan. 1966, p. 2, 2ª seção).

Figura 2: Entrevista com Alfredina sobre congresso no Japão



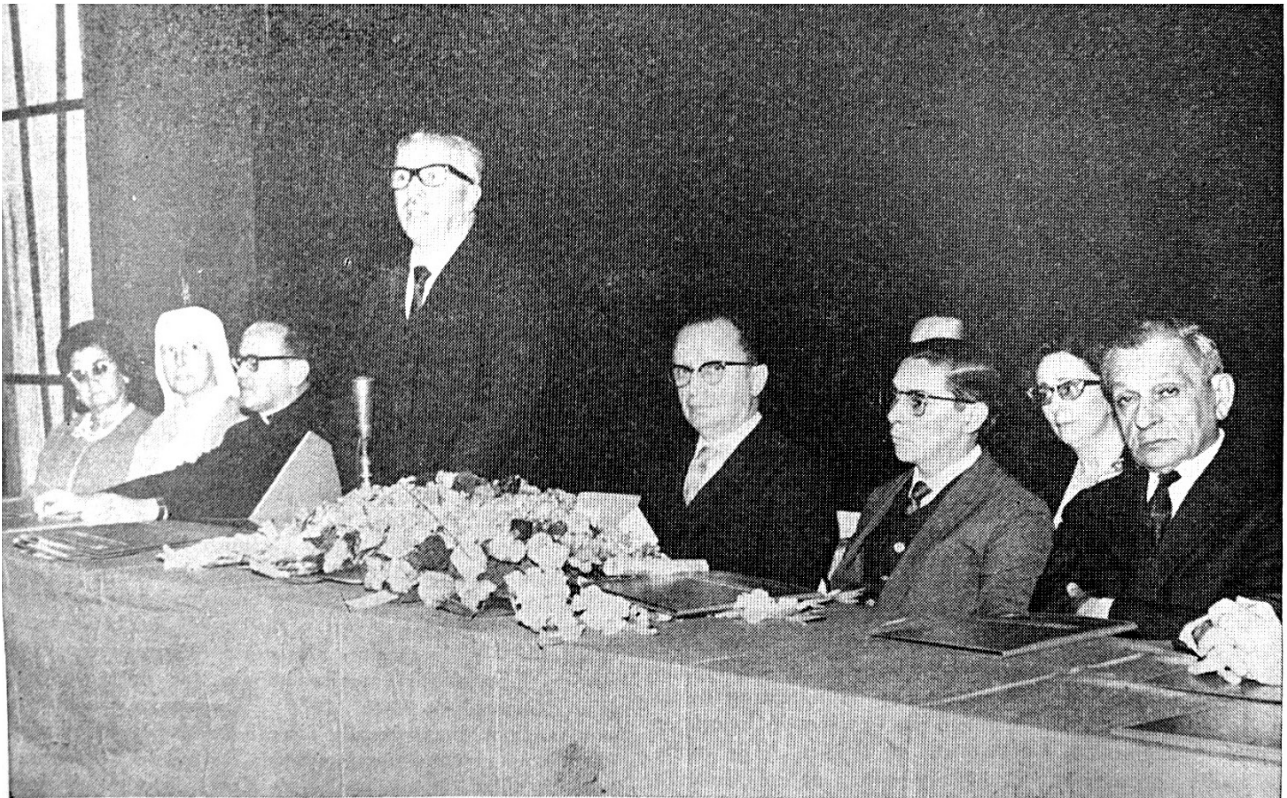
Fonte: *Diário de Notícias* (RJ), 24 jul. 1966, p. 1.

Em 1967, Alfredina participou do III Congresso Internacional de Radiofonia Educativa, em Paris, representando a Fundação João Batista do Amaral onde ocupava a posição de diretora da TV Escola, juntamente com Manoel Jairo Bezerra. O comitê organizador internacional do congresso indicou Alfredina, dentre 120 candidatos de vários países, para a Comissão de Pedagogia e Produção do evento, composta por 14 membros (*Correio da Manhã*, RJ, 7 mar. 1967, p. 4; *Correio da Manhã*, RJ, 12 mar. 1966, p. 3; *Correio da Manhã*, RJ, 23 abr. 1967, p. 17). O evento ganhou destaque no *Correio da Manhã*, que dedicou uma página, sob o título “Áudio-visual uma nova perspectiva”, escrito por Manoel Antônio Barroso.

Os delegados estrangeiros mostraram-se vivamente interessados na experiência realizada pelos programas da Universidade de Cultura Popular, muito especialmente no curso do artigo 99 de Gilson Amado, através das aulas do próprio professor Bezerra sobre ‘a motivação de adultos no ensino da Matemática’ e as apostilas – impressas para o aprendizado – distribuídas aos alunos inscritos. (*Correio da Manhã*, RJ, 23 abr. 1967, p. 17).

Embalado pelos congressos internacionais, em julho de 1967, ocorreu o 1º Congresso Brasileiro de Audiovisuais, sob coordenação-geral de Alfredina (*Correio da Manhã*, RJ, 6 ago. 1967, p. 15). A ABE dedicou um número de sua revista ao evento, reproduzindo várias das conferências apresentadas (EDUCAÇÃO, 1967).

Figura 3: Mesa diretora de abertura do I Congresso Brasileiro de Audiovisuais. Alfredina é a segunda da direita para a esquerda



Parte da mesa diretora de abertura do I Congresso Brasileiro de Audiovisuais, promovido pela A.B.E., em julho de 1967. Vê-se ao centro o Presidente da A.B.E. Prof. Benjamim Albagli, ladeado pelo Sr. Secretário de Educação, Prof. Benjamim Morais Filho, que usa da palavra, e pelo Sr. Representante do Ministro de Educação prof. Edson Franco

Fonte: Educação (1967, p. 9).

Em fevereiro de 1980, Alfredina participou na qualidade de representante da TVE no II

Congresso Interamericano de Andragogia em Lima. A nota no jornal destaca que Alfredina

foi a única mulher a participar da mesa diretora do congresso, na posição de 1ª secretária-geral (*Diário de Pernambuco*, 1980, 8 mar. 1980, p. c6)¹¹.

A atuação de Alfredina na difusão das discussões sobre a teleducação foi intensa entre os anos 1960 e 1970, com inúmeras palestras e cursos ministrados no Rio de Janeiro, principalmente voltados para a alfabetização de adultos e aspectos técnicos da teleducação, mas também em outros estados, como Goiás (*Correio Braziliense*, 27 jun. 1969, p. 1) e Bahia (*Correio da Manhã*, 22 out. 1967, p. 19).

Nos anos 1980, é possível perceber a atuação de Alfredina na difusão das discussões sobre teleducação e o lugar de autoridade que ocupa sobre o tema, todavia, referências ao seu nome na Hemeroteca Digital vão reduzindo até o anúncio de sua aposentadoria compulsória em 1991. Referida com frequência como “pioneira” da teleducação pela imprensa periódica entre os anos 1960 e 1970, as referências à Alfredina praticamente desaparecem nos anos 1990, em um apagamento processual de sua trajetória.

Sobre sua produção escrita na fase de atuação em teleducação, localizamos poucas publicações (principalmente anais de congressos), o que acreditamos ser resultado da dificuldade de acesso a fontes sobre sua atuação profissional e não necessariamente refletir que não tenha publicado sobre o tema.

Vinculações institucionais e constituição de redes

Se Alfredina é citada em pesquisas principalmente devido à sua vinculação ao IERJ e sua

atuação na TV pública, sua trajetória não se resume a esses grupos. Há pelo menos duas ligações que devem ser destacadas, com o Colégio Paiva e Souza e com ABE. A sua inserção em grupos católicos também é um aspecto importante em sua vida, porém, ainda não aprofundado em pesquisas. Suas conexões a diferentes grupos não são eventos desconectados, pelo contrário, é possível rastrear a presença de vários sujeitos em comum nesses grupos, compondo uma rede de trabalho e sociabilidade bastante intrincada.

Ao considerarmos a presença de Alfredina em diferentes grupos e sua participação em projetos educacionais diversos, o cruzamento dos nomes que dividiam a mesa nos mesmos períodos sugerem que sua entrada no IERJ lhe possibilitou o contato e circulação em outros meios. Todavia, papel semelhante foi desempenhado pela ABE, na qual consta como sócio-cooperadora desde 1932 (*Jornal do Commercio* – RJ, 8 mai. 1932, p. 9). Os nomes comuns ao IERJ e à ABE mostram o intenso intercâmbio e mesmo sobreposição dessas redes.

Dentre os membros da ABE, constam vários personagens que emergem com frequência ao seguirmos o fio do nome de Alfredina, como Everardo Backheuser, Helder Câmara, Jairo Bezerra, Júlio César de Melo e Sousa (Malba Tahan), Irene de Albuquerque, entre outros. Alfredina permaneceu atuante na ABE até, pelo menos, os anos 1960, conforme é possível verificar em atas da associação¹² e em notas publicadas na imprensa (*Correio da Manhã* – RJ, 17 jan. 1964, p. 20). Uma hipótese é que sua entrada na ABE estivesse vinculada ao grupo dos educadores católicos que faziam parte da associação, como Everardo Backheuser, cuja

11 O jornal *O Fluminense* publicou uma nota informando que Alfredina e Gilson Amado participaram do II Congresso Interamericano de Alfabetização de Adultos no Chile (*O Fluminense*, 12 mar. 1980, p. 8), no entanto, não localizamos informações sobre tal congresso. Pela proximidade de datas, acreditamos se tratar na verdade do congresso em Lima.

12 O nome de Judith Brito de Paiva e Souza, cunhada de Alfredina, continua a aparecer nas atas até, pelo menos, 1980, o que leva a crer que Alfredina continuasse associada, mas menos atuante. Atas da ABE disponíveis na plataforma do Museu da Educação: <http://www.museudaeducacao.org.br/br/aceso-ao-acervo.html>. Acesso em: 4 mar. 2019.

ligação é anterior à sua admissão no IERJ e remete à Cruzada Pedagógica pela Escola Nova.

O nome de Everardo Adolpho Backheuser (Niterói, 1879 – Niterói, 1951) é bastante citado na historiografia da educação brasileira, principalmente em estudos relacionados ao movimento escolanovista e ao grupo dos católicos na educação. Com Heitor Lyra, Backheuser foi cofundador da ABE, em 1924. Foi fundador e presidente da Associação de Professores Católicos (APC) do Distrito Federal (1928) e da Confederação Católica Brasileira de Educação (1933). Também atuou na criação de APCs em outros estados¹³ (BARREIRA, 2002).

Nos anos 1920, Backheuser tomou frente na campanha de difusão das discussões escolanovistas, denominada Cruzada Pedagógica pela Escola Nova, uma “[...] ação educacional que se propôs, no bojo da RFA [Reforma Fernando de Azevedo], levar adiante um *ethos* urbano-católico pautado na formação do magistério e na divulgação, sob a ótica dos princípios doutrinários da Igreja, dos preceitos da Escola Nova” (GONÇALVES, 2018, p. 280). Além de Backheuser, estava à frente do projeto sua esposa, Alcina Moreira de Souza, que “[...] juntamente com outros nomes do magistério público carioca, atuaram na organização de conferências, cursos, seminários e exposições pedagógicas” (GONÇALVES, 2018, p. 280). Segundo Gonçalves (2018), Alcina constituiu-se enquanto liderança junto ao magistério primário, e é justamente nesse espaço que encontraremos Alfredina e sua conexão com a Cruzada. Vale destacar que o projeto da Cruzada é contemporâneo à conversão de Backheuser ao catolicismo, em 1928.

Entre as atividades da Cruzada, estavam re-

13 Em Belo Horizonte, Backheuser presidiu reunião em 1933 que criou a Associação de Professores Católicos de Belo Horizonte. Entre os membros da diretoria provisória, estavam Mario Casasanta e Alda Lodi (*Diário de Notícias*, 15 ago.1933, p. 5; *Correio da Manhã*, 15 ago. 1933, p. 5).

uniões semanais com o professorado primário e profissional. Na imprensa periódica, é possível identificar referências à participação de Alfredina em tal projeto, sendo eleita, em 1929, secretária do grupo (*Jornal do Brasil*, 09 out. 29, p. 6 e 20 dez. 29; p. 8).

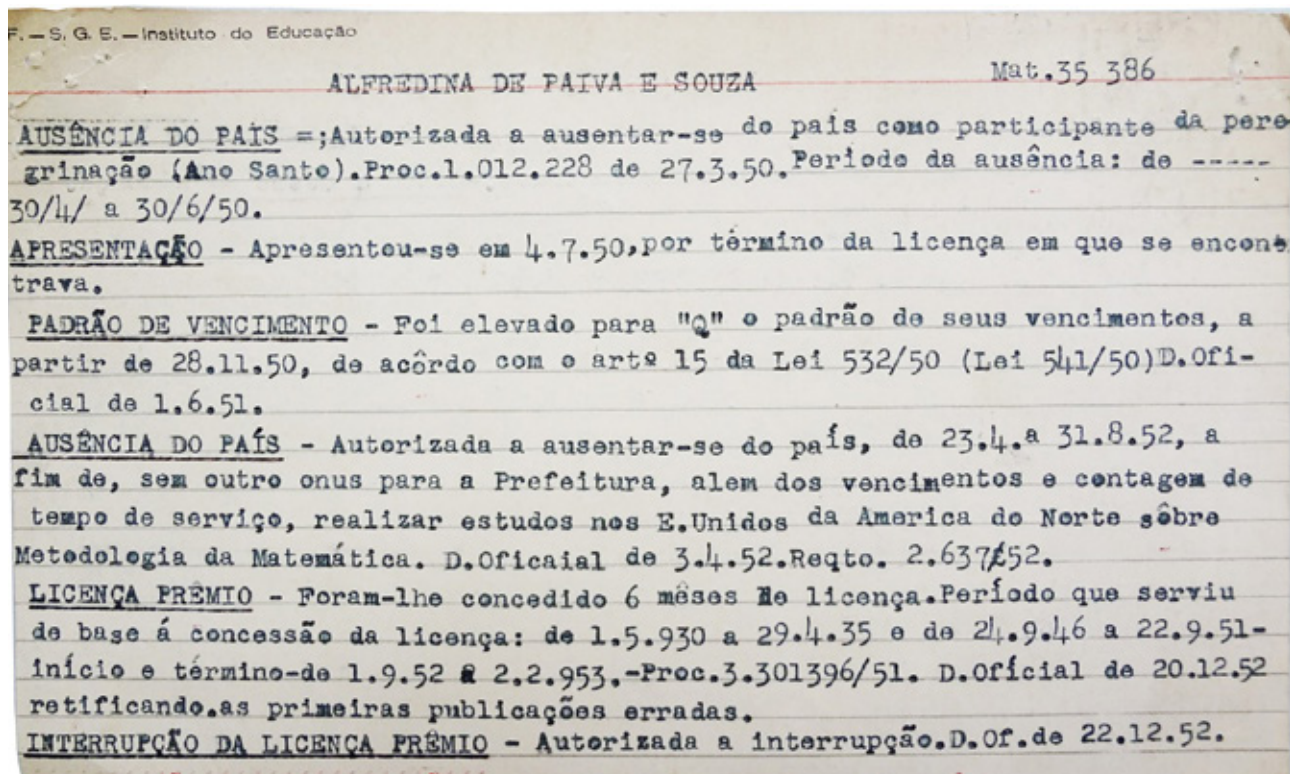
Na imprensa periódica, o nome de Alfredina aparece com frequência associado a eventos religiosos. Os laços com a igreja se mostram fortes a ponto de vestígios se insinuarem em sua ficha funcional (Figura 4), na qual consta uma licença para participar da peregrinação do Ano Santo, em 1950.

As vinculações com a igreja católica já haviam sido sinalizadas em Rabelo (2016), Almeida e Rabelo (2016) e Conceição (2016). As implicações dessas conexões em sua atuação na televisão são pontuadas por Conceição (2016) nos seguintes termos:

Na propaganda da Fundação João Baptista do Amaral, veiculada no jornal *Correio da Manhã* de 1962, há uma lista de estabelecimentos que cederam seus espaços para a *TV- Escola*. A maioria é de instituições escolares ligadas à igreja católica, indicando a forte influência do catolicismo em projetos de alfabetização de adultos, como o MEB, criado no ano anterior e assumido por bispos militantes da ação popular, como Dom Helder Câmara. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 50).

O contato com Helder Câmara remete a, pelo menos, os anos 1930, e identificamos seus nomes em vários projetos em comum, vinculados à educação ou à igreja católica. É por meio de vestígios que é possível afirmar que o vínculo que unia Alfredina e Helder Câmara ultrapassava a esfera profissional e se constituiu em uma relação de amizade. A relação de Alfredina com Helder Câmara se estabelecia na esfera privada, mas perpassava e se reforçava na presença em diferentes grupos em comum, como o Instituto de Educação, a ABE, o Ministério da Educação e Saúde e, claro, pela vinculação de ambos ao catolicismo.

Figura 4: Ficha funcional de Alfredina de Paiva e Souza



Fonte: CEMI/ISERJ.

Nascido no Ceará, Helder Pessoa Câmara (1909-1999) ingressou no seminário em 1922 e ordenou-se padre em 1931. Em 1936, transferiu-se para a capital Rio de Janeiro, onde exerceu cargos em órgãos oficiais da educação, além de diversas funções que exerceu na Igreja Católica. Em 1952, foi consagrado bispo. Em 1964, foi transferido para o Arcebispado de Olinda e Recife, permanecendo em Recife até seu falecimento. Exerceu cargos no IERJ, a convite de Lourenço Filho, e na Chefia da Seção de Medidas e Programas do Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, a convite de Everardo Backheuser (MADEIRA, 2002). A parceria com Lourenço Filho continuou por meio de sua aprovação em concurso para técnico no Ministério da Educação e Saúde (MES), nomeado em 1939, foi convidado a atuar no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

As conexões de Alfredina com Backheuser e Helder Câmara se assemelham devido às causas e grupos em comum, apesar de não ser

possível afirmar se a intensidade dos laços era a mesma. Certamente fortes o suficiente para que Alfredina incluísse seus nomes nos agradecimentos do livro didático *Nossa Aritmética*¹⁴ (SOUZA, 1937, p. 184). Em contrapartida, Backheuser escreveu uma resenha sobre a publicação, elogiosa no geral, mas com algumas ressalvas (*Jornal do Brasil*, 25 jul. 1937, p. 6).

O mesmo livro também recebeu uma resenha bastante elogiosa na mineira *Revista do Ensino*¹⁵ (FAGUNDES, 1938). Tanto a revista, quanto o grupo de educadores escolanovistas em Minas Gerais estavam fortemente vinculados ao grupo dos católicos. Também no acervo da professora mineira Alda Lodi, encontramos vestígios da presença de Alfredina (RABELO, 2016).

¹⁴ Também são creditados nos agradecimentos Lourenço Filho, Maria Reis Campos, Elvira Nizynska da Silva e Antenor de Paiva e Souza.

¹⁵ A partir da resenha de Fagundes (1938), nos é dado a saber que o livro *Nossa Aritmética* para o 3º ano não foi publicado como parte de uma série para o ensino primário. Não localizamos evidências que indiquem que outros volumes para as outras séries tenham sido publicados posteriormente.

Explorar as redes das quais Alfredina fez parte ajuda a entender aproximações teóricas, circulação de ideias e objetos e, dessa forma, a própria formação, atuação e produção de Alfredina que circulou e foi apropriada. Sua circulação na máquina pública, bem como suas conexões em diferentes segmentos, certamente arbitrou a seu favor na adoção pelo município do seu livro *Nossa Aritmética* em 1940 (*A Noite*, 3 mar. 1940, p. 3).

Outros dois nomes que vale destacar na trajetória de Alfredina são Manoel Jairo Bezerra e Judith Brito de Paiva e Souza, que atuaram na teleducação. No caso do primeiro, os laços remetem à matemática. No caso de Judith Brito, as relações são familiares. Em 1938, casou-se com o irmão de Alfredina, Antenor de Paiva e Souza (*Diário de Notícias*, RJ, 21 dez. 1938, p. 11).

As redes que Alfredina começou a constituir no final dos anos 1920, e posteriormente sua inserção no IERJ e na ABE, podem ter sido os desencadeadores da iniciativa em criar o Colégio Paiva e Souza em 1934, que ficava estrategicamente localizado nas proximidades do IERJ. O Colégio Paiva e Souza foi sistematicamente divulgado na imprensa do Rio de Janeiro ao longo dos anos 1940 e 1950. As primeiras referências localizadas na Hemeroteca datam de 1938, referido como Curso Paiva e Souza. É por meio do Diário Oficial da União (DOU, 11/11/1942, seção 1, p. 9) que identificamos maiores detalhes sobre a instituição. Fundado em 1934 por Alfredina, era um empreendimento familiar registrado sob o nome Irmãos Paiva e Souza Ltda. Conforme é possível verificar na divulgação do Colégio nos classificados, Antenor de Paiva e Souza e Licínio de Paiva e Souza também atuavam na instituição, todavia o nome de Licínio aparece com uma frequência bem menor, o que nos leva a crer que não fosse sua principal atividade.

Ao longo dos anos 1940, a divulgação do Colégio veicula predominantemente os nomes

de Alfredina e Antenor. A partir dos anos 1950, apenas o nome de Alfredina aparece na divulgação, apresentada como diretora, o que pode indicar que Antenor não mais atuasse no Colégio ou tivesse um papel menor, ou que Alfredina àquela altura já tivesse seu nome tão consolidado como referência na educação que colocá-la em destaque na propaganda seria uma estratégia de promoção. Em 1962, o Colégio Paiva e Souza foi renomeado Colégio Primeiro de Setembro. Não localizamos informações que expliquem a mudança de nome, mas uma hipótese é que o colégio tenha sido vendido.

O crescimento do Colégio Paiva e Souza ao longo dos anos e a criação de sucursais levam a crer que tenha sido um empreendimento de sucesso. A localização do colégio próximo ao Instituto de Educação e o endereço residencial de Alfredina em Copacabana sinalizam sua inserção social privilegiada, apesar de não termos localizado maiores informações sobre as condições econômicas de sua família.

Se assumirmos que a primeira viagem internacional de estudo de Alfredina foi em 1952, como consta em sua ficha funcional, como explicar que desde suas primeiras publicações nos 1930, quando já havia ingressado como professora no IERJ, há ampla referência a autores e estudos internacionais atualizados? Isso faz sentido se considerarmos que os grupos dos quais fazia parte eram constituídos por pessoas que realizaram estudos no exterior e divulgavam ao retornar ao Brasil. A ABE, por exemplo, promovia viagens de estudo, como discutido por Cardoso (2015). O IERJ, por sua vez, contava, em seu corpo docente e administrativo, com vários professores que realizaram pós-graduação ou missões de estudo no exterior. A ampla circulação de publicações internacionais também é outro aspecto. O IERJ contava com vários títulos estrangeiros em sua biblioteca, e os programas de ensino da instituição sinalizavam a preocupação em

se alinhar com as discussões internacionais, conforme apontado por levantamento de Vidal (2001). Portanto, ao compor essas redes, Alfredina se beneficiava daquilo que seus pares faziam circular e do repertório bibliográfico internacional compartilhado.

Considerações finais

Para além daquilo que é noticiado na imprensa e que pudemos localizar por meio da Hemeroteca Digital, muito pouco sabemos da esfera privada da vida de Alfredina e de outros empreendimentos em que tenha se envolvido. Mesmo na Hemeroteca, as menções começam a diminuir nos anos 1980 e praticamente desaparecem a partir dos anos 1990, provavelmente sinais da redução da carga de trabalho em decorrência da idade. Sabemos que atuou até 1990 – apesar de não estar claro as funções que desempenhou – até ser aposentada compulsoriamente no início de janeiro do ano seguinte. A nota publicada no jornal *Tribuna da Imprensa* informa que a Fundação Roquete Pinto iniciou o ano

[...] perdendo antigos profissionais que estão sendo aposentados compulsoriamente por força da lei 8.112, que estabelece normas para o serviço público. A medida alcança 28 profissionais [...] que contam com mais de 70 anos de idade, entre eles alguns pioneiros funcionários da TVE do Rio, como a professora Alfredina de Paiva e Souza, autora dos primeiros programas educativos da emissora [...]. (*Tribuna da Imprensa*, 5-6 jan. 1991, p. 3).

A última menção à Alfredina que localizamos na Hemeroteca Digital trata-se de uma coluna de opinião escrita pelo jornalista Geraldo Hudson Moreira, em março de 1998. No texto, ao lembrar de experiências que teve na TV Educativa, menciona os encontros com Gilson Amado e Alfredina de Paiva, e encerra o texto se perguntando por onde andaria a professora (*Tribuna da Imprensa*, 4 mar. 1998, p.

4). Essa é uma pergunta que nos fizemos e que ecoou sem resposta por algum tempo na falta de outras notícias na Hemeroteca Digital e de informações sobre o paradeiro do acervo pessoal ou de relatos de familiares. Uma resposta apenas foi obtida ao consultarmos o acervo *on-line* do jornal *O Globo* que, em julho de 1999, publicou uma nota convidando para a missa de sétimo dia da professora (*O Globo*, 13 jul. 1999, p. 16).

Como explicar que uma educadora do nível de Alfredina de Paiva e Souza, que circulava em diferentes grupos e que tanto colaborou em diferentes temas, que esteve na linha de frente da teleducação brasileira, sendo com frequência referida como pioneira, tenha praticamente desaparecido das narrativas a ponto de não termos localizado registros de seu falecimento e muito menos homenagens na ocasião? Talvez as homenagens tenham existido em fontes que não tivemos acesso, mas a não localização também é significativo do apagamento.

Apenas podemos levantar algumas hipóteses. Primeiro, que Alfredina sobreviveu aos familiares mais próximos¹⁶ e colaboradores. Portanto, no alto de seus 93 anos quando faleceu, aqueles que haviam participado/presenciado a atuação e contribuições de Alfredina já não poderiam prestar suas homenagens e celebrar a memória da educadora. Mas não podemos deixar de destacar ainda outro fator, o do apagamento das contribuições das mulheres na história da educação e que, apenas nos últimos anos, tem sido abordado de forma

16 Entre 1973 e 1975, Alfredina teve perdas significativas de seus familiares: Licínio faleceu em 1973 (registro de óbito disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:WYJ3-FCW2>); Antenor em 1974 (*Jornal do Brasil*, RJ, 27 set. 1974, p. 20); e D. Maria, sua mãe, em 1975 (*Jornal do Brasil*, RJ, 21 nov. 1975, p. 22). Não localizamos informações sobre o pai de Alfredina, podemos apenas afirmar que faleceu antes de 1938, considerando uma nota de jornal em que a mãe de Alfredina é mencionada como “viúva Paiva e Souza” (*Diário de Notícias*, RJ, 21 dez. 1938, p. 11). Judith Brito de Paiva e Souza, sua cunhada e colaboradora nos projetos da teleducação, faleceu em 2003.

sistemática, mas que ainda enfrenta muitos obstáculos, principalmente pela dificuldade de localização de fontes.

Várias questões permanecem sobre a trajetória de Alfredina, mas um primeiro passo é identificar essas lacunas e, a partir disso, formular novas questões de pesquisa, o que acreditamos que proporcionamos no presente artigo. O panorama que traçamos ajuda a mapear os espaços que Alfredina percorreu, identificando grupos dos quais fez parte e pessoas com as quais se relacionou, o que permite esboçar, ao menos parcialmente, suas redes. Essa visão panorâmica de sua trajetória e contribuições, mesmo que não aprofunde os vários aspectos de sua vida, se constitui em importante ferramenta de pesquisa para guiar outras investigações que tomem Alfredina tanto como objeto de estudo quanto fio condutor para se discutir vários aspectos da educação brasileira.

Referências

- ALMEIDA, Denis Herbert de. **A matemática na formação do professor primário nos Institutos de Educação de São Paulo e Rio de Janeiro (1932-1938)**. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.
- ALMEIDA, Denis Herbert; RABELO, Rafaela Silva. Alfredina de Paiva e Souza: Vestígios da Trajetória de uma Educadora Matemática. In: XII ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SBEM-Unicsul, 2016. p. 1-11.
- BARREIRA, Luiz Carlos. Everardo Adolpho Backheuser. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). **Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002. p. 332-338.
- CARDOSO, Silmara de Fátima. **“Viajar é ser autor de muitas histórias”**: experiências de formação e narrativas educacionais de professores brasileiros em viagem aos Estados Unidos (1929 – 1935). 2015. 236 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CONCEIÇÃO, Cíntia Nascimento de Oliveira. **Pioneiros da Teleeducação na Guanabara**: a Televisão Educativa na Perspectiva das Experiências Pioneiras de Teleeducação e Formação de Professores e Profissionais do Instituto de Educação do Estado da Guanabara e da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (1960 - 1975). 2016. 196f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.
- FUCHS, Eckhardt. Networks and the History of Education, **Paedagogica Historica**, v. 43, n. 2, p. 185-197, 2007.
- GINZBURG, Carlo. Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method. **History Workshop**, n. 9, p. 5-36, 1980.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. (Org.). **A Micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178.
- GONÇALVES, Mauro Castilho. A Cruzada Pedagógica pela Escola Nova e ação do professorado católico do Rio de Janeiro (final da década de 1920). **Educação Unisinos**, v. 22, n. 3, p. 279-287, 2018.
- LEMME, Paschoal. **Paschoal Leme**: Memórias de um Educador. Brasília: Inep, 2004.
- MADEIRA, Vicente de Paulo Carvalho. Helder Pessoa Câmara. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). **Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002. p. 441-450.
- MARQUES, Josiane Acácia de Oliveira. **Manuais pe-**

dagógicos e as orientações para o ensino de matemática no curso primário em tempos de Escola Nova. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

SANTOS, Janine Garcia dos. Nossa aritmética: uma proposta de livro de exercícios nos anos 1930. In: XII ENEM - Encontro Nacional de Educação Matemática, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo, SBEM-Unicsul, 2016. p. 1-10.

SILVEIRA, Alfredo Balthazar da. **História do Instituto de Educação.** Secretaria Geral de Educação e Cultura. Rio de Janeiro: Prefeitura do Distrito Federal, 1954.

RABELO, Rafaela Silva. **Destinos e trajetos:** Edward Lee Thorndike e John Dewey na formação matemática do professor primário no Brasil (1920-1960). 2016. 286f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar:** livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (Org.). **Mulheres inovadoras no ensino (São Paulo, séculos XIX e XX).** Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

Fontes:

EDUCAÇÃO, n. 95-97, set. 1967.

FAGUNDES, Abel. Acêrca de livros. **Revista do Ensino**, ano XII, n. 149-151, abr.-jun. 1938.

Ficha funcional de Alfredina de Paiva e Souza. CEMI/ISERJ.

Ficha “Vida Escolar” de Alfredina de Paiva e Souza. Faculdade Nacional de Filosofia. Distrito Federal, 1939. BR UFRj FE PROEDES.

SOUZA, Alfredina de Paiva e. O ensino de Matemática na escola primária. **Arquivos do Instituto de Educação**, v. I, n. 2, p. 181-222, 1936.

_____. Cálculo. **Arquivos do Instituto de Educação**, v. I, n. 3, p. 323-327, 1937.

_____. **Nossa Aritmética 3º. Ano.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937. CPP/Instituto de Estudos Educacionais Sud Mennucci.

_____. **A matemática na escola primária:** divisão. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica Renato Americano, 1938.

_____. **O ensino do Cálculo na Escola Primária:** Problemas metodológicos. Rio de Janeiro: Imp. No Est. Gráfico “Apollo”, [194-?].

_____. Metodologia do Cálculo. **Revista de Educação Pública**, p. 604-620, out./dez. 1943.

_____. Aprendizagem das operações fundamentais. **Revista do Ensino**, Rio Grande do Sul, Livraria do Globo, n. 37, abr. 1956a.

_____. Metodologia da Matemática no Curso Primário: Problemas na vida e na Escola. **Revista do Ensino**, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, n. 36, mar. 1956b.

_____. Metodologia da Matemática no Curso Primário: I - Aprendizagem das operações fundamentais. **Revista do Ensino**, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, n. 38, mai./jun. 1956c.

_____. Metodologia da Matemática no Curso Primário: II – Aprendizagem das operações fundamentais. **Revista do Ensino**, Rio Grande do Sul: Livraria do Globo, n. 39, ago. 1956d.

_____. O problema dos problemas. **Revista do Ensino**, Rio Grande do Sul, mar. 1958.

_____. Aprendizagem da Numeração. **Revista do Ensino**, Rio Grande do Sul, mar. 1963.

Recebido em: 11/12/2020

Revisado em: 20/11/2021

Aprovado em: 25/11/2021

Rafaela Silva Rabelo é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) com estágio de pesquisa no Teachers College/Columbia University. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG). *E-mail:* rafaelasilvarabelo@hotmail.com

Denis Herbert de Almeida é mestre em Ciências pelo Programa de Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Atuou como pesquisador do Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil (Ghemat). *E-mail:* denis.herbert.almeida@gmail.com